

O ato criador como práxis arte/educativa na formação de professores de artes visuais

The creator act as art/educational praxis in the teaching of visual arts teachers

MARIA CRISTINA DA ROSA FONSECA DA SILVA*
& JAYMINI PRAVINCHANDRA SHAH**

Artigo completo submetido a 2 de maio de 2018 e aprovado a 9 de maio de 2018

*Brasil, artista visual. AFILIAÇÃO: Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes. Av. Me. Benvenuta 1907, Itacorubi, SC, CEP 88035-901, Brasil. E-mail: cristinaudesc@gmail.com

**Brasil, artista visual. AFILIAÇÃO: Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes. Av. Me. Benvenuta 1907, Itacorubi, SC, CEP 88035-901, Brasil. E-mail: jayminipravinchandra@gmail.com

Resumo: Investigamos um processo experimental, dialógico, como formação de professores de Artes Visuais na contemporaneidade, fundamentado no Materialismo-histórico e dialético. A mediação como práxis artística e arte/educativa são concebidas como processo criativo, num processo compartilhado do ato criador, por meio de oficinas teórico-práticas, na característica da especificidade da arte.
Palavras chave: ato criador / práxis arte/educativa / formação de professores de artes visuais.

Abstract: We investigated an experimental, dialogical process, such as the formation of teachers of Visual Arts in contemporary times, based on Materialism-historical and dialectical. Mediation as artistic and art / educational praxis are conceived as a creative process, in a process shared by the creative act, through theoretical-practical workshops, in the characteristic of the specificity of art.

Keywords: creative act / art/education praxis / training of visual arts teachers.

Introdução

Desenvolvemos esta proposta de investigação com um grupo de professores, estudantes e pesquisadores no período de 16 encontros intercalados, oito no formato oficina e oito no estudo dirigido de textos. Como público alvo participaram os frequentadores do grupo de estudos do Grupo de Pesquisa Educação, Artes e Inclusão — GPEAI (Figura 1), ou seja, um lugar e um público direcionado ao estudo e à pesquisa, fundamentando-se no materialismo-histórico e dialético para abordagem da arte e da educação, no contexto social.

As oficinas partiram do exercício de articulação entre teoria e prática como forma de se desenvolver a formação continuada de professores, investigando a expansão do conceito de prática artística na contemporaneidade. Da compreensão do ato artístico, no exercício de entendimento desse ato, questionamos quais tensões sócio-filosóficas estão postas em jogo entre arte e realidade, por exemplo, na arte contemporânea. Uma manifestação considerada foi a necessidade de retirar do objeto a qualidade estética, trazendo-a para a vida. A arte, nesse entender, encontra-se na própria mediação, pois a passividade do objeto é transformada pela força intencional do ato do artista, tornando o fazer da arte — a ação como arte.

Assim, com enfoque na experiência da atividade, pretendemos ampliar e aprofundar as concepções sobre pesquisa no campo das artes visuais por meio das oficinas, tomando o ato criador como eixo de conexão e investigação entre o fazer artístico e o fazer do professor na contemporaneidade, objetivando chegar no contexto do campo educativo e escolar, na prática artístico-pedagógica do professor.

1. Arquivo-Práxis — a processualidade socio-histórica-educativa da mediação

Durante o período de um ano, ocorreram 16 encontros. Os oito encontros que se intercalaram as oficinas dispuseram-se a investigar dois livros em articulação com a prática artística: A teoria da alienação em Marx (Mészáros, 2006); e As ideias estéticas de Marx (Vázquez, 1978). A proposta abordada na atividade, num fazer oficina-práxis, que ao mesmo tempo atua, media, produz, compartilha as ações reflexivas, foi buscar na relação teórico-prática das proposições, a análise do conceito de alienação da atividade, como tema de estudo do Grupo e investigar nesta experiência o trabalho artístico e o trabalho do professor.

O período das oficinas foi de coletas de dados e apresentam na sua íntegra os relatórios de todos os encontros, configurando-se na pesquisa como registro (Shah, 2016). O arquivo, como registro, tem protagonismo como documentação

do ato, ao ter o tempo como elemento base da prática e do estudo da práxis artística no acontecimento da formação, como fundamento de dados para análise processual e artística.

Como recurso de narrativa do processo e continuidade do fazer artístico-pedagógico, o *Arquivo-práxis* (Shah, 2016), nome/conceito que cunhamos nesta pesquisa, são o conteúdo artístico e educativo do registro vivido nas oficinas; É deste material que enfatizamos o percurso do processo de formação continuada nas artes visuais, vislumbrando o exercício contínuo da práxis arte/educativa. A ênfase é considerar, o *Arquivo-práxis*, como registro e documentação do processo, que em referência ao contexto da arte contemporânea, o acontecimento represente também uma instância do ato criador, se desdobrando em arte, e ao mesmo tempo um material riquíssimo de investigação pedagógica.

Na impossibilidade de contemplá-la por completo aqui, apresentamos a seguir a sequência das oficinas com seus respectivos títulos; de entre alguns registros visuais (Figura 2, Figura 3, Figura 4, Figura 5, Figura 6 e Figura 7).

ARQUIVO-PRÁXIS

1. "A atividade e o trabalho — provocando o problema da alienação"
2. "Toalha de mesa, pano de fundo" — o jogo
3. A ontologia social como Investigação Poética
4. A retrospectiva dialogada com o estético da alienação
5. Roda de conversa, compartilhando memórias afetivas
6. Pesquisas poéticas
7. Outros propõem
8. A formação continua

Concebido como acontecimento artístico, as oficinas como ato, buscamos abarcar a complexidade da arte, na dimensão do ato criador entre os fazeres do professor, do artista, do público e dos estudantes. Pois, se o ato criador, como debateremos adiante é constantemente recriado no atividade do consumo, se faz sempre ativo, mesmo ao lidar com arquivos documentais desse ato. São os elos dessa relação que dão significado e valor ao acontecimento.

Ao investigar a relação dialética estabelecida entre os elos de significação do ato artístico, na concepção criadora humana, perseguimos a tensão entre relações de diferenças e semelhanças entre o fazer arte e o ensinar arte.

2. A práxis como critério, a arte como método

Se a necessidade qualifica o valor de uso de um produto ou de um bem, qual



Figura 1 · Grupo de estudos no encontro de uma das oficinas. CEART/UDESC, 2016.
Fonte: própria.



Figura 2 · Arquivo-práxis — Oficina 2: " "Toalha de mesa, pano de fundo" — o jogo. Detalhe da toalha feita em jornal posta sobre a mesa, juntamente com as cartas; na proposta de "jogar as cartas na mesa" cujo objetivo era tentar "dissecar" a trama histórico-social da atividade produtiva na perspectiva do trabalho ontológico. A estratégia do jogo foi pensada para que todos se engajassem na proposição de forma comprometida e ao mesmo tempo lúdica, criando um novo olhar e abordagem para as questões apresentadas teoricamente em momento anterior; cada jogador também na tarefa de construção de um mapa conceitual, de forma a obtermos um dispositivo de pesquisa e sistematização visual dos conceitos em questão pelo Grupo. CEART/UDESC, 2016. Fonte: própria.

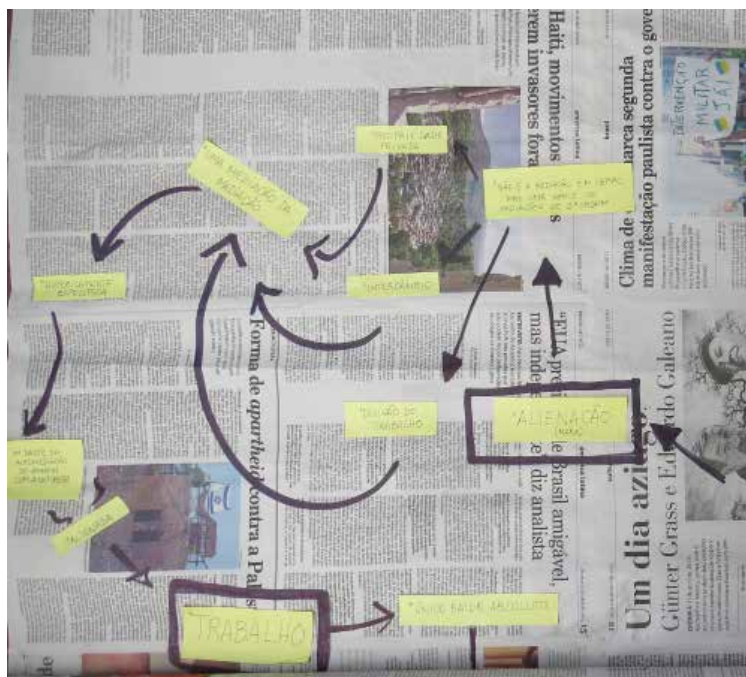


Figura 3 · Arquivo-práxis — Oficina 2: “Toalha de mesa, pano de fundo” — o jogo”. Detalhe do mapa conceitual como resultado do jogo. CEART/UDESC, 2016. Fonte: própria.



Figura 4 · *Arquivo-práxis* — Oficina 3: A ontologia social como Investigação Poética. Esta imagem foi apresentada como pesquisa poética por uma integrante do grupo, que atua como mediadora e arte/educadora em um museu de arte; propõe confrontar o contraste do olhar para essas duas realidades presentes por meio do questionamento da passividade do olhar e sua relação com o papel da arte e da instituição de arte com o público e o social, e o público na relação com arte ao retratar as realidades humanas tão próximas da experiência de cada um de nós banalizadas pelo olhar. CEART/UDESC, 2016. Fonte: própria.

juízo dá valor às necessidades? Se são as econômicas, é fato, a crescente abstração das necessidades humanas em favor das necessidade de mercado. Nisso poderíamos pensar no valor que se atribui à arte e ao valor educativo da arte. O fazer auto-mediador é condição absoluta do ser humano na relação com a vida, essa relação qualifica a consciência, portanto necessidade de primeira ordem, entretanto, se alienado, qualifica a consciência alienada. Consideramos isso como questão de investigação de base conceitual de pesquisa para a práxis arte/educativa.

Na concepção da práxis em Marx (apud Vázquez, 2011), o problema da práxis como atividade transformadora da natureza e da sociedade está em primeiro plano, pois é nela que a filosofia se torna consciência, fundamento teórico e seu instrumento. Ou seja, para a práxis é necessário a relação dialética entre a prática, na medida em que a teoria, age como guia da ação moldando a atividade, e seu caráter transformador, revolucionário, se faz na medida em que essa relação é consciente.

Nosso conceito de investigação dialética, sobre o ato criador consiste justamente na práxis criadora, como lugar “entre” o processo da atividade artística e educativa que se entre-cruza na atividade prática fundamental criadora do homem. O caráter essencialmente criador da práxis, é de aglutinar em conjunto suas formas específicas, política, artística e produtiva, como um ritmo entre a atividade da consciência e sua realização; no processo criador a dinâmica entre os lados, objetivo e subjetivo, interior e exterior, se dá de forma imbricada e indissolúvel. É característica do processo criador, da práxis, a imprevisibilidade do processo e do resultado.

No contexto da história da arte, ao nos presentificar sobre o ato criador, Duchamp (1965) contempla a especificidade do fazer artístico, fazendo-nos considerar dois importantes fatores: os pólos da criação artística. De um lado, está o artista na intencionalidade do seu ato; do outro, o público que se transformará na posterioridade, do ato do artista. Essa tensão que se faz nessa relação, nessa dualidade, ultrapassa-a a um momento e espaço que se localiza “entre” o acontecimento da arte, ou seja, na dialética do trabalho artístico.

Na busca por compreender e situar o caráter da arte, no seu momento histórico, Duchamp faz questão de dizer que, independentemente da adjetivação que se dê à arte, é arte. E que mais relevante do que isso está o que chama de “coeficiente artístico” — um mecanismo subjetivo que produz a arte no momento do ato criador. Na intenção é que ocorre a luta pela realização de uma série de esforços, decisões, experiências e recusas que pode ser consciente ou não no plano estético.



Figura 5 · *Arquivo-práxis* — Oficina 3: A ontologia social como Investigação Poética. Pesquisa apresentada por outra integrante do grupo. Por meio da fotografia, apresenta um inventário de imagens em transparências, propondo uma sobreposição cronológica do tempo para que os elementos agregados ou sucumbidos sejam revelados ou ocultados pela ação humana, muito mais que a do tempo. O trabalho recebe o nome de “Muito tempo pouco, pouco tempo muito”. CEART/UDESC, 2016. Fonte: própria.

Figura 6 · *Arquivo-práxis* — Oficina 5: “Roda de conversa, compartilhando memórias afetivas.” Na imagem apresentada por uma integrante do grupo, no detalhe, sua pesquisa sobre as fotografias de professoras nas escolas, a posição das mãos e as histórias das mulheres na educação, os enfrentamentos sociais da mulher na sociedade. CEART/UDESC, 2016. Fonte: própria.

Nosso critério, portanto, é a práxis, tanto na arte, quanto na educação, e principalmente a relação dialética entre ambas na práxis arte/educativa. Uma práxis que não nega a realidade contraditória e alienada do ser humano na sociedade, pois, como uma atividade histórico-política, entrelaça dialeticamente no fazer da arte, ação e reflexão, política e filosofia. Portanto, nosso pressuposto para se conceber uma formação de professores de arte, tem como guia metodológico de investigação, o próprio fazer da arte como lugar da práxis originária, da luta da intencionalidade do ato criador, na especificidade de sua própria liberdade, na consciência e na experiência individual e coletiva da sociedade.

A fim de que situemos nossos parâmetros de tentativa de análise profunda, e que transborda da própria arte, recorremos a pensar como lidamos com questões como o espetáculo e a participação (Bishop, 2012). É nítida a evidência de muitos artistas e projetos que argumentam contra a subjetividade passiva do capitalismo na contemporaneidade na forma da alienação, trazendo a participação como um projeto importante.

Buscar justificativas da arte para a arte/educação, ou vice-versa, não é o suficiente, mas de pensar sobre a arte, na relação que se constitui na forma da vida social, da vida em curso, no movimento da chamada virada social/educativa da arte, remexendo os fundamentos dos discursos da arte, compartilhando técnicas e intenções com outras áreas além das artes. Mas, nos perguntamos o que se quer dizer por fluxo da vida pela arte, e, ou, pelos discursos que estão se constituindo na história da arte contemporânea?

O caráter anti-representacional, pode ser uma reação ao estado da mediação bidimensional da produção cultural, como chama Thompson (2012), ou de reação aos efeitos de alienação do espetáculo, provocados pelo neoliberalismo, em que artistas, ativistas, cidadãos, e manifestantes estão se dirigindo para métodos de trabalho que permitam o desenvolvimento de relações genuinamente interpessoais.

No cotidiano no qual pertencemos, imersos na lógica social de produção e consumo, das tecnologias comunicacionais e tudo mais, contaminam a arte, a tencionam. O lugar da estética na arte tem se deslocado dinamicamente. Resulta na impressão de que o que faz o motor da arte funcionar, mais do que nunca, seja a motivação da não estabilidade conceitual e de dormência dos sentidos e das percepções semânticas que desencadeiam na dialética com o social cotidiano, e do que foi legitimado na narrativa histórica.

A chamada da arte para dentro da própria vida, implica, talvez, numa urgência em buscar o que realmente tem de importância nesse próprio movimento, de privilegiar na experiência vivida um lugar em que as ações tenham impacto



Figura 7 · Detalhe da produção coletiva do Grupo, em uma das oficinas propostas, apresentada na Exposição "Porque as palavras não conseguiam esvaziar-me..." ocorrida no Museu da Escola Catarinense, em setembro — outubro de 2016, Florianópolis — SC. Fonte: própria.

e ressonância. Nesse sentido, nossa escolha para essa investigação é de colocar em tensão o fazer, da atividade, do ato, da ação, do trabalho, como aspectos fundamentais da mediação humana na relação entre produção e consumo, para pensar a formação de professores de Artes Visuais e nesse movimento pensar a ação do professor em suas múltiplas relações.

É de conectar essa ideia, da arte como um metodologia acessível, de especificidade própria, numa dimensão que abarque a práxis criadora como condição humana, num exercício de liberdade, mas tendo claro que a arte fora da vida social não transforma a realidade; é que propomos a práxis como critério, pois é nela que investigamos a dialética entre a arte e a educação, na relação entre a pesquisa, arte e arte/educação no contexto contemporâneo na formação de professores, nesta proposta de estudo.

3. Tensões contraditórias — as evidências dos dados

Se relacionarmos as experiências vividas e documentadas pelo Grupo de Estudos na investigação do ato criador na contemporaneidade da chamada virada social da arte, o que aproxima, como refere-se Helguera (2011), pode-se dizer que seja a participação. A dicotomia provocada pela pergunta de destacar as relações de semelhanças e diferenças entre o fazer e o ensinar arte, nos mostra que a participação tem camadas no engajamento. O princípio que une e complementa é estar na experiência coletiva. Mas isso não se dá obrigatoriamente, se desenvolve no sentimento de pertencimento. Se aprende, no compartilhamento, no diálogo. É processual no ato criador.

Se retomarmos as características abordadas por Helguera (2011), em relação à arte na contemporaneidade, podemos estabelecer uma aproximação significativa ao trabalho pedagógico, pois tem como pressuposto considerar o público alvo para suas proposições. Ou seja, a intencionalidade é um ponto significativo da atuação do professor frente a demanda de sua atividade.

Ao falar em participação, temos que ponderar o trabalho pedagógico, pois como sabemos a questão da participação não está garantida com a simples presença dos alunos. A participação só mergulha em camadas profundas por meio da interação e, isso requer todos ativos no processo. Dessa forma, a aproximação de projetos artísticos com o trabalho pedagógico em comunidades ao considerar seu público nos põe em atenção ao engajamento, a não passividade e à colaboração. Até porque, é consenso que toda a arte requer participação, pois implica a presença do espectador, assim como toda a aula também requer um grupo de alunos.

A questão do tempo é outro ponto muito próximo ao trabalho pedagógico.

A ênfase na dedicação e investimento de tempo é necessário para se atingir qualquer objetivo proposto. Assim, projetos que impliquem o engajamento em níveis mais profundos, são de longo prazo. Envolvimento social envolve tempo, não é imediato. O sentido está para além do objeto artístico, ou seja, do fetiche da arte, assim pode-se dizer.

Considerar o público é fundamental, pois se dá na relação com o outro ou com o coletivo. Os projetos tem o público implícito, pois surgem desse contexto. Projetos artísticos engajados socialmente tem como uma de suas principais premissas a crítica ao status exclusivo da arte; que buscam validação institucional, muitas vezes assimilando novos paradigmas desafiados pela própria arte que surge marginal.

Para entender o engajamento, é necessário compreender a importância do enfoque dado a conversação, à criatividade do pensamento dialogado que envolvem esses processos artísticos. Estes situam como referência muitos filósofos e educadores que partem desse pressuposto dialógico como fundamento pedagógico. Helguera (2011), cita a tradição da educação, por exemplo, na pedagogia de Paulo Freire e o trabalho de outros que consideram o ato de discutir, debater, um processo de emancipação. Isto é crucial nos projetos da arte contemporânea que se inserem na trama social.

Essa proximidade com a pedagogia crítica denota como a arte nesse entender que pesquisamos, busca nas experiências educativas formas estratégicas de como artistas podem lidar com a capacidade de produzir colaborativamente envolvidos em comunidade. A hierarquia das relações tende a se desfazer e se horizontalizar, pois nem tudo e todos sabem e, precisam do outro para que o processo aconteça.

Considerações Finais

O desafio se faz na práxis, pois, como vimos, mora nas relações de alienação da nossa própria atividade, como na relação de compartilhamento da própria experiência coletiva, na necessidade de significação do ato criador. No contexto da produção e consumo das artes mais ainda, pois se dá na superação da relação de passividade da concepção do objeto artístico perante as relações alienadas da produção na sociedade capitalista, e na falta de sentido na atividade criada na vida cotidiana.

O que ousamos chamar de "a práxis como critério, a arte como método", dá ênfase à abordagem do materialismo histórico-dialético na arte/educação como base para concepção crítica da formação do professor, tomando como referente a própria especificidade da arte. A relação dos processos artísticos como

método para o ato criador e o fazer poético: o lugar do ato criador nas relações com o social e o pedagógico, como investigação do lugar, cada vez mais próximo, entre o fazer do artista e o fazer pedagógico, já que sua ânsia contemporânea é por estar ativa em contexto coletivo, em comunidade. Acreditamos nisso a importância da processualidade como mediação sócio-histórica-educativa, como acontecimento do ato criador em sua complexidade como integrador do conhecimento artístico e sua relevância no processo educativo na formação humana.

Incorporar o entrecruzamento como fluxo contínuo da consciência sobre a atividade é necessidade permanente do movimento possível de superação da falta de sentido humano na atividade criadora. Ou seja, a educação continuada é constituinte necessário e inseparável da prática significativa e crítica da sua própria atividade. E quando se refere ao ato criador da arte, constantemente recriada na atividade de consumo, a significação crítica, pelo que vivemos nesta pesquisa, se dará nos elos entre a intenção, a mediação e a participação que caracterizado na complexidade do ato criador estará no exercício contínuo de desatropiar os sentidos e as relações humanas em sociedade.

Referências

- Bishop, Claire. *Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship*. London; New York: Verso, 2012.
- Duchamp, Marcel. O ato criador. In: nota da publicação original (em BATTCKOCK, Gregory. A nova arte. Coleção "Debates"), disponível em: <https://asno.files.wordpress.com/2009/06/duchamp.pdf>
- Helguera, Pablo. *Education for Socially Engaged Art: A Materials and Techniques*. New York: Jorge Pinto Books, 2011.
- Mészáros, István. *A Teoria da Alienação em Marx*. Tradução: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.
- Shah, Jaymini Pravinchandra. *O ato criador como práxis arte/educativa na formação de professores de Artes Visuais*. Orientadora: Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva. Dissertação (Mestrado) — Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2016.
- Thompson, Nato (Editor). *Living as Form: Socially Engaged Art from 1991-2011*. New York: The MIT Press, 2012.
- Vázquez, Adolfo Sánchez. *As idéias estéticas de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- Vázquez, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.